

## A avó, a neta e a música

- Dia lindo...está um dia de rosas! – Exclamou a avó para a neta Mariana.

- Vou ver se exalo o seu perfume sem que os espinhos se espetem nas minhas mãos! – Respondeu Mariana com um sorriso cândido e de esperança. Enquanto as duas conversavam com afetividade, passa Joana, rapariga à volta dos 17 anos, que olhando para as duas pergunta irradiada de contentamento: - Mariana, vamos tocar música em tua casa? – Ai que bom, a minha avó fica tão feliz quando nos ouve tocar... - E que tal Chopin? – Pergunta Joana entusiasmada. – Adoro, é a que costumo ouvir enquanto pinto porque me inspiro melhor...

Joana fez algumas perguntas a Mariana a propósito das suas preferências musicais e quando lhe perguntou se quando pintava tinha que ouvir sempre música, as respostas variavam.

- No silêncio também há música e o meu espírito deixa-se seduzir facilmente pelo vento, pela chuva, pela neve...até para um simples olhar como uma flor ou mesmo uma abelha a voar...

A avó, não se cansa de ouvir a neta, enquanto a saudade do tempo em que era jovem a leva a um regresso ao passado. O tempo presente revela-se entre o amor que tem pela neta e para a iniludível desconfiança da modernidade das coisas e das suas gratuitas manifestações. Isolada durante quase todo o ano a velha mulher sente-se frágil e o que ela encontra são memórias de estilhaços que povoam o seu espírito redemoinhado de pensamentos. Agora esmorecida no fugaz relógio do tempo, sente-se ali com a neta rejuvenescida como se o mundo voltasse a nascer de novo.

A estrada de Mateus era no verão lugar de tertúlias, histórias e conversas que pareciam não ter fim...no largo da aldeia pequenos núcleos de pessoas curtiam o matabicho da maledicência e do entulho das palavras cujo alvo era como sempre direcionado para pessoas ausentes.

- Posso fazer-vos companhia? – Pergunta um jovem às duas lindas meninas, enquanto a avó de Mariana o olhava com um esgar convidativo. Mariana atacada por uma alegria marota esbracejou e disse: - Claro que sim, a minha avó até gosta porque te admira como músico.

A avó desejava a felicidade da neta para a compensar da perda dos pais num acidente de automóvel nas curvas do Marão a caminho do Porto. Mariana ficou com uma soma avultada de dinheiro, pois os pais eram ricos e de descendência nobre. Como a avó era viúva de um rico proprietário de quintas no Douro, tinha na sua neta o desejo absoluto de lhe dar uma educação esmerada. Desde muito cedo, a música, a pintura e a poesia

dominaram as preferências de aprendizagem de Mariana. Temperada por sentimentos de nobreza de coração e de humanidade, a jovem facilmente conquistou a admiração e o coração das pessoas de Mateus.

Nesse dia a chuva anunciava-se no céu. Atrás da igreja matriz pontificavam nuvens negras, disformes ameaçadoras... Relâmpagos e trovões faiscavam os céus. Na vinha do conde um burro dos ciganos, manco e doente, zurrava nervoso com sons semelhantes a roncões de sarronca. O sino da igreja batia as oito da tarde e a noite afirmava-se na sua escuridão e mistério.

Os três jovens encaminhavam-se para casa de Mariana, um casarão cheio de estilo e imponência, onde havia um piano Steinway sempre bem afinado. O jovem no clarinete tocava sons que eram bálsamo para os corações e as jovens penitenciavam-se a ouvi-lo. Joana tocava piano e cantava lindamente. Mariana no violino era o expoente de emotividade e paixão. O trio ia interpretar Schubert, peça imbuída de força e paixão, onde cintilam as girândolas mais espetaculares do amor. Os artistas não estavam sós. Os sons que dali irradiavam eram ecos que despertavam os habitantes de Mateus para as fantasias fáceis e hilariantes da sedução do amor. Este cenário de tertúlia e arte era frequente em Mateus. A música aqui, ainda hoje se enquadra na poesia das paisagens da vinha, dos montes e de um céu abençoado com os sinos das torres a nos convidarem para olharmos para eles...